

# A viagem de Eneias rumo ao Ocidente mediterrânico: uma genealogia do mito do herói prófugo

*The Journey of Aeneas towards Western Mediterranean: a genealogy of the exiled hero's myth*

**Thiago Eustáquio Araújo Mota\***

**Resumo:** As condições de prófugo e de sobrevivente do caos estão diretamente atreladas a Eneias, o herói troiano, filho de Vênus, que recebe papel de destaque nas narrativas fundacionais romanas. O presente artigo tem por objetivo rastrear as evidências pertinentes à construção do Eneias prófugo nas fontes escritas pré-virgilianas, o que permite ampliar a compreensão sobre as apropriações poéticas do mito na própria *Eneida*.

**Abstract:** The condition of exiled and survivor is directly linked to Aeneas, the Trojan hero, son of Venus, who receives a prominent role in the foundational Roman narratives. This paper intends to track back the evidences concerning the construction of the traveler Aeneas in the pre-Virgilian written sources, in order to improve the understanding of the Aeneid itself.

**Palavras-chave:**

Eneias.  
Narrativa de Viagem.  
Mito.  
Eneida.  
Mediterrâneo.

**Keywords:**

Aeneas.  
Travel Narrative.  
Myth.  
Aeneid.  
Mediterranean.

---

Recebido em: 30/11/2020  
Aprovado em: 09/01/2021

---

\* Professor Adjunto de História Antiga da Universidade de Pernambuco (UPE/campus Petrolina). Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/GO) e coordenador do Grupo de Estudos sobre Épica e Performatividade na Antiguidade (GEEPA).

## Introdução

Parte integrante do nosso repertório cultural, a vitalidade dos mitos da Antiguidade reside, em larga medida, no potencial de veicular ideias, mensagens e, conseqüentemente, suscitar emoções variadas. Mesmo em uma conjuntura marcada pelo progresso técnico e pela simultaneidade da comunicação, o interesse pelos heróis viajantes permanece. A viagem do troiano Eneias rumo ao Ocidente foi, por vezes, compreendida como um símbolo da integração entre os povos do Mediterrâneo. No ano de 2018, organismos municipais, museus e universidades parceiras da Turquia e Itália lançaram um projeto de colaboração estratégica, a *Aeneas Route Association*, que visou a estimular o turismo e divulgar o patrimônio arqueológico. Com a proposta de “refazer” os passos do herói troiano por sítios da Anatólia, Ilhas Gregas, Tunísia e Sicília, a Rota de Eneias passou a integrar, recentemente, a lista dos itinerários culturais certificados pelo Conselho da Europa.<sup>1</sup>

Em um sentido oposto ao do turismo arqueológico, a migração troiana pelo mar representa também o drama universal vivido por refugiados de guerra e imigrantes. Centros de acolhimento, jornais e campanhas publicitárias têm recorrido, com alguma frequência, ao mito de Eneias como forma de sensibilizar os europeus para a causa dos refugiados. No epílogo do livro *Il Fuoco Sacro di Roma: Vesta, Romolo e Enea*, Andrea Giardina (2015, p. 116) remete a uma das maiores emergências humanitárias deste tempo: “Os mares da Sicília pululam de prófugos que escapam de terríveis tragédias, tantas Troias hoje destruídas. Diante de um prófugo dever-se-ia colocar sempre essa pergunta: e se fosse um outro Eneias?”. A pergunta se faz pertinente em um contexto de ascensão dos partidos ultranacionalistas que ambicionam fechar o território italiano aos imigrantes da África e da Síria.

As condições de prófugo e de sobrevivente do caos estão diretamente atreladas ao herói troiano, filho de Vênus, que recebe papel de destaque nas narrativas fundacionais romanas. Logo na proposição da *Eneida*, que abrange os sete primeiros hexâmetros do poema, Virgílio (70-19 a.C.) anuncia o tema da primeira parte de sua epopeia: a longa peregrinação do herói que, impulsionado pelo destino, deixou as ruínas de Troia em busca de uma nova pátria, esperança para a sua linhagem e refúgio para os deuses tutelares. O adjetivo *profugus* aparece na segunda linha do poema, caracterizando a condição de Eneias e, por conseguinte, dos troianos que o acompanham no desterro (Virgílio, *Aeneis*, I,

---

<sup>1</sup> Council of Europe: <https://www.coe.int/en/web/cultural-route>. Acesso em: 24/07/2021.

02).<sup>2</sup> Em um sentido literal, o termo designa aquele que foi “posto em fuga” ou “fugiu” (do verbo *profugio*), mas também abrange as conotações de “exilado”, “desterrado”, “banido” e, por extensão, “errante” ou “nômade” (FARIA, 1962, p. 803; GLARE, 1968, p. 1477).

No Livro II do poema, prodígios e mensagens oraculares, ocorridos durante a invasão grega de Troia, instigam o herói a abandonar a cidade e seguir para o exílio com os sócios e seus familiares (Verg., *Aen.*, II, 268-295; 772-789). Por meio do relato de Eneias (Livros II e III), hospedado na corte da rainha Dido, e da descrição poética da ação (Livros I, V e VI), é possível acompanhar o trajeto desta migração, permeada por contratempos, interpretações equivocadas de oráculos, interrupções e desvios. O deslocamento marítimo dos troianos tem como cenários o arquipélago das Cíclades e a parte oeste do Mediterrâneo, em uma sobreposição da espacialidade homérica com marcos geográficos concretos, tais como montanhas, penínsulas e estreitos.

De acordo com a *Vita Vergili*, na etapa de finalização da epopeia, Virgílio decidiu realizar uma viagem pela Grécia e Ásia, muito possivelmente, no intuito de enriquecer a éfrase das paisagens e cidades incluídas no roteiro do herói troiano (Suetônio, *Vita Vergili*, 35).<sup>3</sup> Pouco depois de encontrar Augusto, em Atenas, foi acometido de uma febre letal que o obrigou a interromper o projeto e regressar à Itália (Suet., *Vita Verg.*, 35). Ainda segundo a biografia tardo-antiga, o poeta faleceu em Brundísio, no ano 19 a.C., com a *Eneida* inacabada (Suet., *Vita Verg.*, 35). Apesar de legítimas intervenções autorais, o périplo dos troianos, que abrange a parte “odisseica” da *Eneida*, não pode ser tomado apenas como fruto da imaginação do poeta.

Quando o poeta de Mântua deu início à composição de sua epopeia, se deparou com um material mitográfico que o precedia em mais de meio milênio, mais especificamente, uma tradição pós-homérica sobre as viagens de Eneias, com vários estratos e variantes. O mito se distingue das demais narrativas humanas, uma vez que possui um propósito ordenador e etiológico, ou seja, busca explicar as origens de determinada prática social, religiosa, ou o princípio de uma comunidade ou instituição (ROCHA, 1995; GRIMAL, 2014, p. XXXVI). Ao mesmo tempo, trata-se de uma narrativa amplamente conhecida, compartilhada por determinado grupo. Nas palavras de Carlo Ginzburg (2001, p. 84), o mito é “um conto que já foi contado, um conto que já se conhece”. Segundo Edson Arantes Júnior (2014, p. 88), essas narrativas eram um importante atributo na formação das identidades locais, visto que “forneciam aos indivíduos discursos condensados de

---

<sup>2</sup> Das outras ocorrências na *Eneida*, o adjetivo aparece três vezes no plural, em relação aos troianos, e outra vez no singular, associado ao grego Acrão, da cidade de Cório (Verg. *Aen.*, VII, 300; VIII, 118; X, 158; X, 720).

<sup>3</sup> Éfrase é a descrição vívida de lugares, obras, artefatos que parecem colocar o objeto descrito diante dos olhos do ouvinte/leitor. O equivalente latino de ἐκφράσις é *descriptio* (VASCONCELLOS, 2014, p. 26).

significados referentes a um passado e permitiam às comunidades mirar um futuro”. Considerando que as identidades são fluidas e a própria compreensão de passado dessas comunidades mudava a partir do influxo de novos agentes e ideias, as narrativas míticas não podem ser compreendidas como realidades estanques ou sacralizadas.

Segundo Maurizio Bettini e Mario Lentano (2013, p. 132-133), autores do livro *Il Mito de Enea, immagini e racconti dalla Grecia a oggi*, os mitos fundacionais pouco têm a ver com as origens, já que se constituem em um presente histórico a partir do constante processo de negociação com o passado. Como resultado, são narrativas que nunca adquirem uma forma definitiva e que, por isso, vivem de suas prolíficas e contínuas variantes. Estas compõem um rico arsenal de narrativas, símbolos e metáforas que são reinterpretados segundo as exigências políticas e ideológicas do momento.

A proposta de entendimento destes teóricos se coaduna bem com o processo de transmissão/recriação mitográfica na Antiguidade a partir de múltiplos gêneros poético-literários. O mesmo raciocínio se aplica ao mito de Eneias que, até o período de Virgílio e muito além, recebeu novos contornos e complementos. Bem antes de Roma se projetar como potência política e militar no Mediterrâneo, autores gregos do Período Arcaico imaginaram uma sobrevida para este herói homérico, destinado na própria *Ilíada* a se salvar. Em algum momento do século IV a.C., a saga da peregrinação de Eneias é incorporada às narrativas fundacionais do Lácio e de Roma. O presente artigo tem por objetivo rastrear as evidências pertinentes à construção do Eneias prófugo nas fontes escritas pré-virgilianas, o que permite ampliar a compreensão sobre as apropriações poéticas do mito na própria *Eneida*.

Com o propósito de melhor situar as discussões deste artigo, apresentamos um resumo da trajetória marítima dos troianos, que engloba os seis primeiros livros da *Eneida* e observações de natureza histórica sobre este poema épico. Cabe ao leitor já familiarizado com a epopeia de Virgílio a opção de desconsiderar o tópico seguinte.

### **Notas sobre o longo périplo troiano na *Eneida*: de Troia às praias do Lácio**

Em conformidade com o repertório de motivos convencionais da épica, a *Eneida* abre *in medias res*, ou seja, no curso dos acontecimentos. Sete anos já haviam se passado desde a captura de Troia, os vários assentamentos malogrados pelo caminho e a busca claudicante pela Itália, profetizada por Creusa e por Heleno. Mal havia deixado o litoral da Sicília, a frota troiana é surpreendida por uma tempestade, incitada por Juno, que dispersa os barcos e arremessa Eneias contra o litoral de Cartago (Verg. *Aen.*, I, 80-123).

Em um episódio que emula a chegada de Odisseu ao reino dos Feácios, Dido, a rainha cartaginesa, acolhe os prófugos em sua corte. Este desvio em Cartago serve de inspiração para o principal tema do Livro IV, que versa sobre o envolvimento amoroso de Dido e Eneias e resulta no suicídio trágico da rainha. À exceção de um ambíguo fragmento de Névio, a estadia de Eneias em Cartago e, até mesmo, o envolvimento com a rainha cartaginesa são episódios pouco evidentes na mitografia antes de Virgílio (GRIMAL, 2014, p. 119).<sup>4</sup> Na *Eneida*, o episódio cumpre uma função etiológica, ou seja, explicar o princípio das animosidades entre Roma e Cartago e, ao mesmo tempo, funciona como um interlúdio amoroso na epopeia, uma vez que emula aspectos literários da elegia e da tragédia (OLIVA NETO, 2016, p. 246-247).

Tal como na *Odisseia*, o leitor/ouvinte é situado nos acontecimentos progressos a partir da narrativa do herói, durante um banquete, na corte cartaginesa. Aos presentes, o herói rememora como perdeu sua primeira esposa, Creusa, e escapou da cidade em chamas, salvando o pai, Anquises, e seu filho, Ascânio da morte (Ver. *Aen.*, II, 01-804). Atandro, na região da Frígia, é o local da construção da frota troiana, com a madeira sagrada do monte Ida, e o ponto de partida para o exílio (Verg., *Aen.*, III, 06).

Os troianos primeiro se dirigem a uma terra povoada pelos trácios e protegida por Marte. Ali, Eneias lança os fundamentos das primeiras fortificações, sacrifica aos deuses e dá aos habitantes o nome de enéadas (Verg., *Aen.*, III, 15-21). Essa localidade foi, posteriormente, identificada como Aenos,<sup>5</sup> cidade localizada na embocadura do rio Hebro, em frente à ilha da Samotrácia (Plínio, *Naturalis Historia*, IV. 43; HORSFALL, 2006, p. 51). Ao descobrir que o solo da Trácia estava poluído com o crime de um assassinato,<sup>6</sup> os troianos decidem abandonar o local e retomar a peregrinação pelo mar.

O oráculo de Apolo, em Delos, é a próxima etapa da viagem dos troianos que ali são recebidos pelo rei Ânio. O deus orienta os exilados a buscarem pela “mãe primitiva” – *Antiqua mater* (Verg., *Aen.*, III, 96), o que é interpretado por Anquises como uma alusão explícita à ilha de Creta, associada com a origem do culto a Cibele (Verg., *Aen.*, III, 103-110). A partir da hermenêutica do texto, é possível acompanhar a ação construtora do herói que, em seu percurso, institui várias “Troias” e marcos de memória. A cidade estabelecida

---

<sup>4</sup> Sobre as várias possibilidades de interpretação dos frs. 19-20 de Névio, sugerimos o livro *Poetics of the First Punic War* de Thomas Biggs (2020, p. 69). Sobre as referências de Dido na epopeia de Ênio, conferir o estudo e a tradução dos *Anais* por Everton da Silva Natividade (2012).

<sup>5</sup> Em latim, *Aenus*. Atualmente, Enez, na região de Mármara, na Turquia ocidental.

<sup>6</sup> Polidoro, um dos filhos de Príamo, havia sido enviado com copiosa quantia de ouro para a Trácia no intuito de ser colocado sob a proteção do rei. Ao saber da vitória de Agamemnon, o rei transgride os deveres de hospitalidade e degola o rapaz, apoderando-se dos tesouros. A sombra de Polidoro aparece a Eneias e reclama um sepulcro digno (Verg., *Aen.*, III. 50-60). Virgílio parte de um tema que se tornou célebre com a tragédia de Eurípedes: o assassinato de Polidoro e a vingança de Hécuba contra Polimestor, rei da Trácia.

em Creta recebe o nome de Pérgamo em alusão à antiga cidadela de Ílion (Verg., *Aen.*, III, 132). A condição de uma bonança fugaz é demarcada na narrativa em referência às “lidas do campo e do amor” e, também, pela ação legisladora do herói, que dá aos troianos “casa e leis” (Verg., *Aen.*, III, 135-137). Essa efêmera prosperidade é interrompida por uma pestilência, seguida de um verão abrasador (Verg., *Aen.*, 137-142).

**Figura 1** - Hipótese reconstrutiva da Rota de Eneias



Fonte: Imagem em domínio público, disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aeneae\\_exsilia.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aeneae_exsilia.svg)>.

Ainda em Creta, os Deuses Penates aparecem em sonho para Eneias e o orientam a buscar a Ausônia, terra de onde teria vindo seu ancestral, Dárdano (Verg., *Aen.*, III, 154-171). Nessa passagem, é possível perceber um ponto de inflexão na narrativa, quando o curso da viagem de Eneias adquire, mais explicitamente, o formato de um retorno (*nostos*) em diálogo com a tradição épica dos *nostoi* (VASCONCELLOS, 2014, p. 52). O discurso sobre o regresso dos dardânidas à Itália é retomado na apresentação que os emissários troianos fazem ao rei Latino (Verg., *Aen.*, VII, 231-273). Ao levantarem vela, uma parte dos troianos permanece no local (Verg., *Aen.*, III, 190).

Ao zarpar de Creta, os troianos são surpreendidos por uma tempestade que envolve a armada em trevas. Por três dias, as embarcações ficam à deriva, até que chegam a uma das ilhas Estrófadas, “um local de gratas manadas de boi” e “pastos virentes”, porém território das harpias (Verg., *Aen.*, III, 192-269). Depois de combaterem estas criaturas semi-humanas, os troianos recebem da harpia Celeno uma profecia sobre a dura fome

que os aguarda na Itália, até o ponto de terem que “roer as mesas” (Verg., *Aen.*, III, 246-258). Esta predição, aparentemente lúgubre, é reinterpretada por Ascânio, no Livro VII, como o fim da peregrinação pelo mar (Verg. *Aen.*, III, 107-151).

Virgílio conduz os troianos por cenários que remetem ao périplo de Odisseu (Ítaca e a ilha dos Feácios) e outros que abarcam a dimensão da memória contemporânea ao poeta, como é o caso do Ácio, no Golfo Ambrácio (Verg. *Aen.*, III, 272; 291). Nas imediações do templo de Apolo, em 31 a.C., as forças de Marco Antônio e Cleópatra enfrentaram a esquadra de Otávio e Agripa. Nessas praias, os troianos competem ao estilo grego, nus e com os corpos untados de azeite (Verg., *Aen.*, III, 280-282). Eneias dedica nas portas do templo o escudo (*clipeus*) de Abantes com a seguinte inscrição: “*Aeneas haec de Danais uictoribus arma*”, isto é, “Eneias por troféu aqui pendura estas armas dos Dânaos Vencedores” (Verg., *Aen.*, III, 288). Com a visita de Eneias às praias do Ácio, o poeta constrói uma genealogia para o santuário de Apolo (Leucate ou Ácio)<sup>7</sup> e para os *Ludi Actiacti* ao inseri-los no passado heroico.<sup>8</sup> Sugere-se, também, uma relação de intertextualidade com a éfrase do escudo de Eneias (Livro VIII), ilustrado por Vulcano com cenas da história romana. O centro do escudo é preenchido com o quadro da batalha de Ácio.

No Épiro setentrional, em Butroto, os prófugos encontram uma cidade troiana governada pela viúva de Heitor, Andrômaca, e por Heleno, um dos filhos de Príamo. Esta *parua Troia* é descrita como uma reprodução fidedigna, em dimensões modestas, da cidade original, com sua cidadela, Pérgamo, suas portas Ceias, os rios Xanto e Simoente e, até mesmo, uma réplica do túmulo Heitor (Verg., *Aen.*, III, 300-305; 349-353).<sup>9</sup> Eneias recebe de Heleno, também provido da capacidade oracular, orientações sobre o percurso até a Península Itálica, cabendo ao herói desviar das cidades do sul, “habitadas por acaios maldosos” e contornar a costa leste da Sicília, evitando o estreito de Messina (Verg., *Aen.*, III, 394-429). O vate também profetiza o portento da porca branca com os trinta leitõezinhos, que demarca o local de fundação da cidade, o encontro com a Sibila de Cumas e a descida ao Averno (Verg., *Aen.*, III, 389-393; 441-462).

Como já pontuado, na narrativa de viagem dos prófugos troianos, Virgílio sobrepõe, em um mesmo eixo espacial, elementos de temporalidades distintas. Assim, mescla referências da geografia homérica com ocorrências da paisagem

<sup>7</sup> Para uma discussão aprofundada sobre a éfrase virgiliana do Golfo Ambrácio, especialmente, a aglutinação poética entre os santuários de Apolo em Leucádia e de Apolo Ácio, cf. Horsfall, 2006, p. 119-120.

<sup>8</sup> Sobre os *Ludi Actiacti*, instituídos ou reorganizados por Otávio como forma de celebrar a vitória sobre Cleópatra e M. Antônio, conferir as respectivas passagens em Suetônio e Estrabão (Suetônio, *Divus Augustus*, 18; Estrabão, *Geographica*, VII, 7, 6). Sobre a construção de Nicópolis e a reconstrução do templo de Apolo Ácio, conferir a tese de Macsuelber de Cássio Barros da Cunha (2020, p. 80). *Aspectos da arquitetura romana no governo de Otávio Augusto: construção e perpetuação da memória nos templos de Apolo Palatino e Marte Vingador (séc. I d.C.)*.

<sup>9</sup> No poema, é descrito como um túmulo inane, o que leva a crer que se trata de um cenotáfio.

contemporânea ao poeta. Nas proximidades do Etna, os troianos resgatam da terra dos Ciclopes um dos companheiros de Ulisses, Aquemênides, e evitam um encontro virulento com o próprio Polifemo (Verg., *Aen.*, III, 560-680). Na sequência, várias colônias gregas e púnicas são introduzidas na descrição do litoral sul da Sicília, tais como Mégara, Siracusa, Ácragas (Agrigento), Gela, Selinunte e Lilibeu (Verg., *Aen.*, III, 689-707). O relato de Eneias se interrompe com a chegada dos troianos ao extremo oeste da Sicília e com a morte de Anquises.

A viagem de migração é retomada apenas no final Livro IV, depois que o herói é interpelado, em sonho, por Mercúrio que, por ordem de Júpiter, o incita a abandonar Cartago. De volta à Sicília, os troianos aportam ao pé do monte Érix, nos domínios de Acestes, onde Anquises estava sepultado. Uma parte do Livro V é dedicada ao tema dos jogos fúnebres organizados por ocasião do aniversário de morte de Anquises. Virgílio, claramente, emula os jogos fúnebres da *Ilíada*. No entanto, insere elementos tipicamente latinos na competição como, por exemplo, a parada de cavalaria que os contemporâneos do poeta conheciam por *ludus troianus* (Verg., *Aen.*, V, 104-602).<sup>10</sup> O episódio do incêndio das naus, ocasionado pelas troianas e incitado por Juno, motiva a fundação de uma nova cidade (Acesta) para aqueles extenuados da lida no mar (Verg. *Aen.*, V, 603-699). A ação construtora do herói se manifesta, ainda, pela edificação de um templo para Vênus, no Monte Ericino, e de um bosque/santuário, junto ao sepulcro de Anquises (Verg., *Aen.*, V, 759-761).

Retomando a viagem, após essa nova parada na Sicília, Cumas é o primeiro destino dos troianos na Itália. Situada na Campânia, esta antiga colônia de Cálcis é o assentamento grego mais próximo do Lácio. Assim que desembarca, Eneias se dirige ao imponente templo de Apolo e à gruta da Sibila, local onde a sacerdotisa, inspirada pelo deus, oferece seus oráculos. No Livro VI situa-se o episódio da descida ao Averno,<sup>11</sup> uma das passagens mais comentadas da epopeia. A jornada do herói que, até então, se desdobrava em um eixo horizontal, acontece agora em uma orientação vertical. Guiado pela Sibila, o herói transita pela complexa e hierarquizada geografia do submundo até os Campos Elíseos, onde encontra a sombra do pai. Esta jornada subterrânea tem como fim último a instrução do herói que conhece, por meio das revelações de Anquises, o futuro de sua prole.

---

<sup>10</sup> Sobre esta temática, recomendamos a excelente análise de Zélia de Almeida Cardoso (1997), intitulada 'Virgílio e os jogos fúnebres troiano-romanos'.

<sup>11</sup> Nome dado ao mundo dos mortos na tradição literária latina. Um de seus acessos localizava-se nas imediações de Cumas, em uma cratera extinta ou lago de águas sulfurosas. Segundo indicações da própria *Eneida*, Averno vem do grego *aorno*: "[lugar] sem aves", pois essas águas exalam um cheiro que espanta a vida (Verg., *Aen.*, VI, 237-242). Sobre a trajetória do *descensus*, sugerimos que se confira nosso artigo em coautoria com Ana Teresa Marques Gonçalves, intitulado "Do Tártaro aos Vergéis Elíseos: a jornada do *descensus*, os *exempla* e os espaços do Averno na Eneida de Virgílio" (GONÇALVES; MOTA, 2011).



Virgílio introduz, no séquito troiano, personagens que são associados à toponímia do litoral da Campânia e do Lácio, como Palinuro, o timoneiro que morre na travessia até a Itália, Misseno, o tocador de trompa, afogado por um Tritão e Caieta, a nutriz do herói. Para cada um desses indivíduos, Eneias erige um monumento fúnebre (Verg., *Aen.*, VI, 232-235; 381; VII, 01-02). O rápido percurso até o Lácio é marcado por outra alusão à jornada de Odisseu: o Palácio de Circe, ambientado na paisagem itálica. Os ventos propícios, enviados por Netuno, impulsionam as embarcações, evitando que os troianos “padecessem dos sortilégios de Circe” (Verg., *Aen.*, VII, 21). O desembarque troiano no Lácio ocorre no estuário do Tibre, no território dos laurentes. O fim da longa jornada marítima é sinalizado pela concretização da profecia de Cileno, quando lulo se dá conta, no primeiro repasto, que os troianos haviam “comido as próprias mesas”, ou seja, as crostas de pão que apoiavam os frutos colhidos no lugar (Verg., *Aen.*, III, 107-151).

Por meio do périplo de Eneias, Virgílio oferece etiologias variadas para monumentos, santuários e cidades que eram associados ou reivindicavam algum vínculo de parentesco com o herói troiano ou com os próprios romanos. As fundações de Lavínio e Alba Longa, cidades ancestrais de Roma, não contam no desenrolar da ação na *Eneida*, mas despontam, como promessas do futuro prognosticado, em passagens específicas do poema. Como fora pontuado previamente, a condição de prófugo, viajante e fundador está longe de ser fruto da imaginação virgiliana, pois esta faceta de Eneias aparece como um desdobramento do mito, na produção literária posterior aos *Poemas homéricos*.

### **Os múltiplos cenários para o Eneias de Homero: de prisioneiro a herói prófugo e viajante**

Qualquer rastreamento sobre a arqueologia do mito de Eneias deve, necessariamente, começar com a *Ilíada*. Com algum exagero poético, Mario Lentano (2017), em uma conferência a convite da Università del Piemonte Orientale, compara Homero a uma espécie de *Big Bang* do universo mitológico, uma vez que os mitógrafos da Antiguidade extraíram de suas epopeias elementos, apontamentos e sugestões de continuidade para os seus trabalhos. Na *Ilíada*, Eneias é um dos principais comandantes troianos, citado imediatamente depois de Heitor, no célebre catálogo do Canto II (Homero, *Ilias*, II, 820). No entanto, este herói é destinado a se salvar da terrível carnificina que se arrasta por anos nos arredores de Ílion.

Essa indicação emerge em dois pontos específicos da *Ilíada*. O primeiro diz respeito ao *ágon* entre Diomedes e Eneias que é narrado no Canto V da *Ilíada*, uma das partes mais citadas do poema (Hom., *Il.*, V, 251-454). Em síntese, Eneias é alvo da fúria de Diomedes que, incitado por Atená, atinge o rival com uma enorme pedra no

quadril. Desfalecido, o herói é subtraído do campo de batalha, por ação de Afrodite que o envolve em uma proteção imortal, “nas dobras do peplo brilhante” (Hom., *Il.*, V, 315). Nessa tentativa de resgate, a deusa é atingida, na mão, pela lança de Diomedes e deixa cair o filho que, na sequência, é amparado por Apolo. Por fim, o deus transporta Eneias para o seu templo, situado na fortaleza de Troia, ao passo que fabrica um espectro do troiano para despistar os combatentes gregos (Hom., *Il.*, V, 445-453). Esta dupla proteção contra a sanha homicida de Diomedes reitera o favorecimento de Eneias no plano divino.

A segunda indicação aparece de forma mais explícita no Canto XX da *Ilíada*. A ação divina, dessa vez, da parte de Poseidon, impede que Eneias seja trucidado por Aquiles. Ao verter escuridão sobre os olhos do Pélide, o deus dos mares subtrai o troiano por cima das fileiras (Hom., *Il.*, XX, 318-325). A intervenção de Poseidon é justificada nos seguintes termos para os deuses olímpicos:

[...] μόριμον δέ οἱ ἔστ' ἀλέασθαι,  
 ὄφρα μὴ ἄσπερμος γενεὴ καὶ ἄφαντος ὄληται  
 Δαρδάνου, ὃν Κρονίδης περὶ πάντων φίλατο παίδων  
 οἱ ἔθεν ἐξεγένοντο γυναικῶν τε θνητῶν.  
 ἤδη γὰρ Πριάμου γενεὴν ἔχθηρε Κρονίων·  
 νῦν δὲ δὴ Αἰνείαιο βίη Τρώεσσιν ἀνάξει  
 καὶ παίδων παῖδες, τοί κεν μετόπισθε γένωνται (Hom., *Il.*, XX, 302-308).

Manda a Moira que ele escape, a fim  
 de que, priva de sêmen, não pereça a estirpe  
 de Dárdano, o rebento que Zeus mais amou  
 entre os que, de mulheres mortais, lhe nasceram.  
 À linhagem de Príamo o Croníade detesta.  
 Agora, sobre os Tróicos, Eneias reinará  
 e os filhos e os filhos nascituros deles (Trad. Haroldo de Campos).

No trecho acima, Poseidon profetiza a extinção da linhagem de Príamo, proveniente de Laomédon e Ilo e a sobrevivência da linhagem de Eneias, derivada de Anquises, Cápis e Assáraco.<sup>12</sup> O esvanecimento prodigioso do rival confirma para Aquiles a predileção dos imortais por Eneias - φίλος ἀθανάτοισι θεοῖσιν – e resolve, então, pelear com outros dânaos (Hom., *Il.*, 347). Esta mesma expressão “governará sobre os troianos” (Τρώεσσιν ἀνάξει) e “filhos nascerão de seus filhos” (καὶ παῖδες παῖδεσσι ἐκγεγῶνται) é retomada no *Hino homérico a Afrodite* (*H. Ven.*, 196-197).

Segundo Eric Gruen (1992, p. 12), uma formidável soma de energia foi despendida pelos eruditos gregos na interpretação dessas linhas homéricas, inclusive, em um contexto no qual a tradição sobre a viagem do herói, rumo ao Ocidente, já havia se

<sup>12</sup> O detalhamento desta genealogia encontra-se na apresentação que Eneias faz ao rival, Aquiles, de sua linhagem (Hom., *Il.*, XX, 213-241).

consolidado. Para muitos autores, estes versos se transformaram em um impasse, especialmente, para aqueles reticentes em contestar a autoridade de Homero. Dessa forma, existiu um esforço interpretativo tanto no sentido de confirmar, quanto negar a chegada de Eneias e dos troianos à Península Itálica. Estrabão (séc. I a.C), por exemplo, preconiza a imperturbabilidade do testemunho homérico, inclusive, para colocar em dúvida os relatos sobre a chegada de Eneias à Sicília e ao Lácio (Estrabão, *Geographia*, XIII, 1, 53). No Livro XIII da *Geografia*, registra uma das tentativas de “emendar” o verso de Homero, buscando conciliá-lo com a tradição posterior e, em retrospecto, justificar o domínio universal dos romanos. No lugar de ἀνάξει Τρώεσσιν, ou seja, “governar sobre os Troianos” alguém sugeriu a correção do verso para πάντεσσιν ἀνάξει, “governar sobre todos” (Strab., XIII, 1, 53).

Dionísio de Halicarnasso (Séc. I a.C.) resumiu parte dessa querela nas *Antiguidades Romanas*. Segundo ele, alguns historiadores rejeitaram, categoricamente, o desembarque de Eneias na Itália, enquanto outros concluíram que se tratava de um homônimo do herói e não do filho de Afrodite e Anquises propriamente dito (Dionísio de Halicarnasso, *Antiquitates Romanae*, I, 53, 4). Uma versão alternativa supõe o retorno do herói à Tróade, muito depois de se estabelecer na Península Itálica, e a transmissão do reino para o seu filho (Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I, 53,04). Dionísio oferece sua própria exegese do verso de Homero ao preconizar que ἀνάξει Τρώεσσιν não necessariamente significa “governar sobre os troianos em Troia”. Dessa forma, conclui que “não era impossível que Eneias governasse sobre os troianos que havia levado consigo, mesmo que tenham se estabelecido em outro lugar” (Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I, 53, 05).

Os poetas imediatamente posteriores a Homero desdobraram o tema da sobrevivência de Eneias a partir de várias possibilidades. De acordo com o sumário da *Ilious Persis*, poema atribuído a Arctino de Mileto (séc. VII a.C.), o herói teria abandonado Troia logo depois da morte de Laoconte, levando parte da população para o Monte Ida (Arctino de Mileto, *Iliupersis*, fr. 1, *apud* Proclo, *Chrestomathia*, II). Na sequência de episódios da Guerra de Troia, o estrangulamento deste sacerdote troiano e dos filhos pelas serpentes enviadas por Poseidon ocorre antes da invasão da cidade (Arctino de Mileto, *Iliupersis*, fr. 1 *apud* Proclo, *Chrestomathia*, II). Isso implica que, na versão de Arctino, Eneias teria abandonado a cidade à própria sorte, sem tomar parte na resistência. Em outro poema do Ciclo Épico, atribuído a Lesques de Pirra (séc. VII a.C.), o herói recebe o mesmo destino dos outros cativos troianos. Ao que sugere um fragmento da *Pequena Ilíada*, depois da captura de Troia, os chefes aqueus disputam a posse dos ilustres prisioneiros troianos. Eneias e Andrômaca são designados a Neoptólemo e conduzidos para a região da Tessália (Lesques, *Parva Ilias*, fr. 30).

Nos autores a partir do século VI a.C., Eneias aparece como herói viajante. Um fragmento atribuído ao poeta arcaico Estesícoro de Hímera (Sicília) sugere a formação deste desdobramento do mito. A evidência deriva da *Tabula Iliaca Capitolina*, um painel de mármore datado do período augustano, que contém cenas alusivas à *Ilíada* e acontecimentos da queda de Troia (GRUEN, 1992, p. 13; Museus Capitolinos, Roma, Inv. MC0316). Um dos painéis centrais inclui uma representação de Eneias que carrega Anquises nas costas e conduz o filho,<sup>13</sup> Ascânio, pela mão. Uma inscrição, que cita a *Ilios Persis* de Estesícoro, informa que Eneias está “para as Terras Ocidentais”, εἰς τὴν Ἑσπερίαν.<sup>14</sup> Muito se tem argumentado sobre a influência da *Eneida* na composição da *Tabula Iliaca*, especialmente no que concerne às cenas de fuga. Não obstante, a alusão ao poeta siciliano na legenda dificilmente pode ser interpretada como uma escolha aleatória do entalhador (HORSFALL, 1979; ERSKINE, 2001, 149). Nesse sentido, é plausível supor que Estesícoro tenha se ocupado do tema da viagem do herói rumo ao Ocidente ou que, pelo menos, essa narrativa estivesse em formação no período arcaico grego (GRUEN, 1992, p. 14).

Através de Dionísio de Halicarnasso, sabemos que o logógrafo e poeta do século V. a.C., Helânico de Mitilene, se dedicou à saga dos heróis gregos e troianos que fundaram cidades a Oeste (Helânico, *Troika apud* Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I. 46- 47). Na versão de Helânico, Eneias defendeu Troia até o último momento. Quando estava claro que a cidade seria capturada, partiu com um grupo de refugiados troianos e se encastelou no Monte Ida (Helânico, *Troika apud* Dionísio Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I. 47. 1-4). O local foi tomado de assalto pelos gregos e uma trégua foi negociada com os chefes aqueus. Estes consentiram que os troianos partissem e se estabelecessem em outro lugar. Eneias migrou com o pai Anquises e o restante de sua prole para a península denominada Palene, na Calcídica, vivendo entre um povo trácio denominado *Krousaio* (Κρουσαῖον) (Helânico, *Troika apud* Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I. 47. 6).

Uma tradição local associa o herói troiano à fundação de um templo dedicado a Afrodite, em um dos promontórios, e uma cidade denominada Aineia (Αἰνεῖα), situada no extremo oeste da Calcídica (Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I, 49. 4). Em razão da polissemia poética, alguns autores sugerem que Virgílio tivesse em mente este assentamento ao descrever a fundação de Eneias na Trácia e não Enez, na foz do Rio Hebro. Entretanto, diferentemente da narrativa virgiliana, essa tradição pressupõe um curto périplo do herói, que teria se

<sup>13</sup> A apografia digitalizada e detalhada de cada painel da *Tabula Iliaca Capitolina* pode ser visualizada no endereço eletrônico: [https://mediterranees.net/art\\_antique/oeuvres/iliaca/schreiber\\_en.html](https://mediterranees.net/art_antique/oeuvres/iliaca/schreiber_en.html). Acesso em: 25 jul. 2021.

<sup>14</sup> Em um sentido literal Ἑσπερία deve ser traduzido por “Terras Ocidentais”. O termo pode aparecer também como uma alusão, mais específica, à Península Itálica (LIDDEL; SCOTT, 1996, p. 697).

radicado nesta parte do Egeu. Dois autores citados na compilação das *Antiquidades Romanas*, Céfalon de Gergis e Hegésipo de Maciberna,<sup>15</sup> registraram que Eneias findou seus dias nesta região da Trácia e que não teria seguido adiante (Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I, 49, 1). Tito Lívio (séc. I a.C.) mencione, inclusive, os sacrifícios que os habitantes de Aineia ofertavam ao fundador, o que sugere a existência de uma tumba ou *herôon* de Eneias na região (Tito Lívio, *Ab Urbe Condita Libri*, XL, 4,9). Tendo em vista a gradativa dispersão geográfica do mito, a existência de vários monumentos fúnebres atribuídos a Eneias e ao pai, Anquises, criava uma tremenda dificuldade para os historiadores antigos. Este tipo de fenômeno, segundo Dionísio, costumava acontecer “com homens de fortuna semelhante”, mas reconhece como “legítimo” apenas o *herôon* de Eneias situado em Lavínio (Dion. Hal, I, 64).<sup>16</sup>

Ainda nas *Antiquidades Romanas*, Dionísio registra outra variante do mito que transfere o herói troiano da Trácia para a Arcádia, região do interior da Península do Peloponeso. Segundo a versão oferecida por Arieto,<sup>17</sup> autor da obra *Arcadica*, a cidade de Cafias foi fundada pelos prófugos troianos e seu nome derivado de um dos ancestrais de Eneias, Cápis (Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I, 49, 1-2). Pausânias (séc. II), em sua *Descrição da Grécia* (VIII, 12, 8-9), toma nota de um túmulo atribuído a Anquises, nesta Arcádia, muito provavelmente, um resquício da tradição árcade da migração troiana.

### As jornadas dos sobreviventes troianos no Mediterrâneo Ocidental

Paulatinamente, o curso migratório de Eneias e dos troianos se expande para englobar também a parte ocidental do Mediterrâneo. Este prolongamento tem como pano de fundo o processo histórico de fundação de colônias (*apoikiai*) e a transferência de populações de língua grega para as regiões ao sul da Península Itálica, Campânia, Sicília e norte da África (séculos VIII-V a.C.). Segundo David Abulafia, “os gregos e seus vizinhos tinham consciência das convulsões que puseram povos em movimento nos séculos seguintes à Guerra de Troia, e personalizaram a história de suas migrações identificando pessoas isoladas de quem seriam a progênie” (ABULAFIA, 2014, p. 116-117).

---

<sup>15</sup> Segundo nota da edição da Loeb, trata-se de um dos pseudônimos de Hegesianax de Alexandria, na Tróade. Dionísio o cita novamente no Livro I, 72. Por sua vez, Hegésipo da cidade de Maciberna, na Calcídica, teria vivido entre os séculos IV-III a.C.

<sup>16</sup> Dionísio descreve com detalhes este *herôon* dedicado pelos habitantes de Lavínio às margens do rio Numício. Sobre a divinização de Eneias e o sítio arqueológico de Lavínio, conferir o artigo intitulado “A divinização de Eneias no Lácio: de um herói desaparecido a *pater indiges*” (MOTA; GONÇALVES, 2015).

<sup>17</sup> Segundo Erskine (2001, p. 120), não existe um consenso, entre os estudiosos, sobre a datação deste autor. Especula-se que ele teria vivido entre os séculos IV e II a.C.

Sobretudo, os mitógrafos e historiadores das cidades da *Magna Graecia* colaboraram para dar plasticidade e atribuir materialidade aos percursos de Hércules, Odisseu e de Eneias.

Entre os comentadores da obra de Homero e poetas da geração posterior havia um esforço em identificar os lugares mencionados na *Odisseia* com pontos específicos do Mediterrâneo, especialmente da Península Itálica e Sicília. As águas traiçoeiras de Cila e Caríbides foram, muitas vezes, associadas com o estreito de Messina, enquanto o palácio de Circe foi posicionado a alguns quilômetros, ao sul de Roma, no Monte Circeo. Ainda segundo Abuláfia, “o mapa do Mediterrâneo era infinitamente maleável nas mãos dos poetas” (ABULÁFIA, 2014, p. 116).

Com alguma frequência, os mitos dos heróis viajantes foram também mobilizados pelos autores gregos para explicar monumentos, aspectos da toponímia, peculiaridades étnicas e traços culturais dos povos vizinhos. De acordo com Andrew Erskine (2001, p.131), no livro *Troy between Greece and Rome: local tradition and imperial power*, os relatos sobre os vários expatriados, prófugos e extraviados dos dois lados da Guerra de Troia serviram também a este propósito. Estas narrativas de viagem não funcionavam como um mero entretenimento, mas faziam parte da interação e engajamento dos gregos com os povos vizinhos da bacia do Mediterrâneo (ERSKINE, 2001, p.131).

Píndaro, na *Quinta Ode Pítica* (V, 80-85), relata a chegada dos filhos de Antenor, os Antenôridas, em Cirene, na companhia de Helena, “depois que viram sua pátria reduzida a fumaça”. Antenor foi um dos poucos troianos que demonstrou boa vontade em relação aos aqueus, hospedando Odisseu e Menelau em sua casa. Depois da destruição de Troia, acompanhou Menelau e Helena em sua viagem de retorno (*nostos*) (ROCHA, 2018, p. 206).<sup>18</sup> Vários topônimos, obras e cidades da Líbia e do Egito foram, por sua vez, associados à estadia de Menelau ou ao estabelecimento de refugiados troianos nestas paragens (Hdt., V, 168-191; Strab., XVII, 16-18; 23; 34; Diod. Sic., I., 56. 4.). Heródoto (IV, 169; 191), por exemplo, faz menção ao “porto de Menelau” no litoral da Líbia e refere-se, brevemente, à tribo dos Máxias que se dizia descendente dos troianos.

Entre os sobreviventes e refugiados troianos, Heleno e Andrômaca ganharam destaque nos vários *spin-offs* da tradição literária homérica. Este filho de Príamo, provido de capacidade oracular, foi levado como cativo por Neoptólemo, bem como Andrômaca (GRIMAL, 2014, p. 200-201). Na peça homônima de Eurípedes, após o assassinato do filho de Aquiles, Andrômaca é destinada a se casar com Heleno e morar na terra dos Molossos (Μολοσσοί), no Épiro (Eurípedes, *Andromache*, 1243-1252). A Heleno é atribuída

---

<sup>18</sup> Em outros desdobramentos do mito, Antenor aparece também migrando para a Ilíria e se estabelecendo no Vale do Pó, na Península Itálica (Verg. *Aen.*, I, 248-249). Na *Eneida*, Antenor é reconhecido como fundador de *Patavium*.

a fundação de Butroto. Na *Eneida*, esta região do Épiro é uma das paradas de Eneias, que ali encontra refúgio e uma “modesta Troia” (*parua Troia*) governada por Heleno e Andrômaca (Verg., *Aen.*, III, 349).

A mitografia antiga não pode ser considerada uma propriedade intelectual exclusiva dos gregos, mas um repertório compartilhado com os povos que mantinham alguma interação com eles. As tradições que se desenvolveram no Lácio sobre a origem troiana de Lavínio, Alba Longa e Roma são as mais conhecidas, mas devem ser compreendidas como parte de um fenômeno mais amplo. Nesse sentido, algumas cidades da Sicília passaram a reivindicar abertamente uma origem troiana, primeiramente, como forma de se diferenciarem dos vizinhos de língua helênica e púnica e, ao mesmo tempo, participarem da idade heroica, narrada pelos *Poemas Homéricos*. Os casos de Segesta e Érix são emblemáticos uma vez que suas narrativas fundacionais ganham intersecção com o mito de Eneias (GALINSKY, 1969, p. 63-102).

Muito antes de Virgílio idealizar o percurso de Eneias pela Sicília, os autores gregos identificaram, na parte oeste desta ilha, traços de uma migração troiana (LA TORRE, 2018, p. 05-06). Tucídides (séc. V a.C.), no sexto livro da *História da Guerra do Peloponeso*, oferece um breve *excursus* histórico-etnográfico das populações da Sicília. No relato tucididiano, os elimios, radicados em importantes centros urbanos como Érix e Segesta, seriam descendentes, ao mesmo tempo, dos sicanos e dos refugiados troianos que teriam migrado para a Sicília após a queda de Ílion (Tucídides, *Historia Belli Peloponnesiaci*, VI, 2, 3).

Um desdobramento deste mito no período helenístico remonta à presença troiana no oeste da ilha a um período anterior à queda de Troia. Lícofron (séc. III a.C.), em uma passagem do poema *Alexandra*, narra o banimento das filhas do troiano Fenodamante para a Sicília durante o reinado de Laomedonte (Lícofron, *Alexandra*, 951-975). Uma dessas jovens, de nome Egesta, é seduzida pelo deus fluvial Crimiso, com quem irá gerar Egestes (Αἰγέστης ou Acestes, na forma latinizada), fundador de três cidades: Egesta/Segesta<sup>19</sup>, Érix e Entela. Este herói epônimo, criado a partir do nome da cidade, aparece ora acolhendo os refugiados de Eneias, ora acompanhado de um filho bastardo de Anquises, identificado a Élimo (Lycoph., *Alex.*, 965-966; Dion. Hal., I, 56-53; GRIMAL, 2014, p. 129)

Nas narrativas sobre o circuito de Eneias pela Sicília, a fundação de Egesta/Segesta é retratada como um empreendimento conjunto de Egestes/Acestes e do filho de Afrodite. Segundo Dionísio de Halicarnasso, antes de seguir viagem para a Península Itálica, Eneias deixou parte dos refugiados que o acompanhavam na ilha, especialmente

---

<sup>19</sup> A cidade aparece na documentação escrita com as grafias, Σέγιστα, Segesta; Αἰγέστα, Aigesta ou Ἐγέστα Egesta.

aqueles cansados da longa peregrinação (Dion. Hal., I, 52; Verg., *Aen.*, V, 771). Na *Eneida*, Virgílio descreve os ritos de fundação de Acesta à maneira romana, uma vez que os limites das muralhas são traçados com um arado, puxado por uma parrelha de bois. Na sequência, Eneias sorteia casas para os futuros habitantes (Verg., *Aen.*, V, 755).

No contexto da Primeira Guerra Púnica, a aliança de Segesta com os romanos foi justificada com base na suposta consanguinidade troiana, uma vez que os dois povos, elímios e romanos, se diziam descendentes de Eneias (Cícero, *In Verrem*, II, 4, 72; 5, 83). Esta aliança político-estratégica rendeu à cidade incontáveis privilégios e o controle de um amplo território quando a ilha foi convertida em província romana (PARETI, 2001, p. 183; SERRATI, 2000, p. 120-124). Em um dos *Discursos contra Verres*, Cícero declara que Segesta, doravante, adquiriu o status de “*libera et immunis*” (Cic., *Verr.*, II, 3, 13).

Situada no cume do atual monte San Giuliano, Érix foi um dos importantes centros elímios na Sicília. A posição privilegiada do assentamento motivou sucessivas ocupações no curso da Primeira Guerra Púnica (PARETI, 2001, p. 183). Conquistada, inicialmente, pelos romanos, a cidade foi tomada de assalto pelas tropas de Amílcar Barca que, por sua vez, obrigou a população ericina a se exilar em Drépano (Diod. Sic., XXIII, 09). Depois de um prolongado confronto, os romanos conseguiram retomar Érix, em 241 a.C., e decidiram pela conservação da área sacra da cidade. Das fundações do santuário de Afrodite,<sup>20</sup> que se projetava a mais de 700 metros acima do nível do mar, restam poucos vestígios arqueológicos, uma vez que a área do templo foi ocupada por uma fortaleza medieval.

Assim como Roma e Segesta, Érix possui também seu herói epônimo. Na mitografia antiga, a figura de Érix (Έριξ) aparece ora como filho de Afrodite e Butes, um dos argonautas, ora como filho de Afrodite e Poseidon (Apolônio de Rodes, *Argonautica*, IV, 910; Diod. Sic., IV, 1; GRIMAL, 2014, p. 145). Este semideus aparece inserido tanto no ciclo de Jasão, quanto nos trabalhos de Hércules (GRIMAL, 2014, p. 145). Já a montanha e o santuário foram incorporados ao périplo de Eneias pela Sicília. Diodoro Sículo (séc. I a.C.), na *Biblioteca Histórica*, descreve a passagem de Eneias pela região e o embelezamento do santuário de Afrodite:

[...] ὕστερον Αἰνεΐας ὁ Ἀφροδίτης πλέων εἰς Ἰταλίαν καὶ προσορμισθεὶς τῆ νήσῳ πολλοῖς ἀναθήμασι τὸ ἱερόν, ὡς ἂν ἰδίᾳς μητρὸς ὑπάρχον, ἐκόσμησε (Diod. Sic., IV, 83, 4).

<sup>20</sup> Uma moeda do período republicano, atribuída a C. Considio Noniano, traz uma provável representação iconográfica deste santuário. No reverso, figura um templo tetrástilo, posicionado no alto de uma montanha que, por sua vez, aparece circundada por um muro e um portão (RRC, 424/1). A legenda ERVC aparece gravada na base da montanha. O anverso, por seu turno, traz a efigie laureada de Vênus com a inscrição C-CONSIDI·NONIANI S·C, identificando o moedeiro responsável e autorização do Senado.



[...] *mas tarde fue Eneas, el hijo de Afrodita, quien, en su navegacion rumbo a Italia, desembarco en esta isla y adorno el santuario con numerosas ofrendas, considerando que era de su propia madre* (Trad. Juan José Torres Esbarranch).<sup>21</sup>

Diodoro (IV, 83, 6-7) informa que esta prática foi seguida por sicanos, cartagineses e pelos romanos que, por sua vez, obrigaram as dezessete cidades mais fiéis da Sicília a renderem tributos ao templo de Afrodite. Na *Biblioteca Historica*, Eneias figura tão somente como um ilustre visitante do santuário a caminho da Itália. Todavia, nas versões registradas por Dionísio e Virgílio, o herói participa mais ativamente de sua edificação. Entre as evidências pontuadas por Dionísio de Halicarnasso para a passagem de Eneias na Sicília são mencionados um altar de Afrodite *Aeneias*, no cume do monte Élimo,<sup>22</sup> e um santuário dedicado ao herói, na cidade de Egesta (Dion. Hal., *Ant. Rom.*, I, 53, 01).

A associação com este herói troiano também forneceu o ingrediente mitológico que justificou a adoção do culto de Vênus Ericina pela cidade de Roma, durante a Segunda Guerra Púnica (GRUEN, 1992, p. 46; GALINSKY, 1996, p. 169-190). Após a derrota do Lago Trasimeno (217 a.C.) e da ameaça representada por Aníbal Barca, um oráculo extraído dos *Livros sibilinos* recomendou que os romanos prometessem um santuário à Vênus de Érix (Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*, XXII, 9, 10; 10, 10). O templo desta divindade foi erigido, dois anos depois, na vizinhança do templo de Júpiter Capitolino (Liv., XXIII, 30, 3; 31, 09). De acordo com Gruen, a localização privilegiada deste templo sugere que o procedimento, à época, não foi compreendido como a adoção de uma divindade estrangeira (GRUEN, 1992, p. 47).

A partir destes apontamentos sobre a genealogia troiana das cidades elímias, passamos à seguinte questão: do ponto de vista histórico, em que momento o Lácio e, mais especificamente, Roma foram incorporados ao périplo da migração de Eneias?

Em uma versão do mito, atribuída a Helânico de Mitilene (séc. V a.C.), Eneias aparece como fundador direto de Roma. A partir do sumário do poema, *A sacerdotisa de Hera em Argos*, conhece-se uma versão um tanto curiosa dos acontecimentos (Dion. Hal., I, 72, 2). Eneias chega à Península Itálica acompanhado de Odisseu e de outras cativas troianas. Exaustas da longa viagem, as mulheres troianas decidem atear fogo às embarcações. Eneias, então, resolve se estabelecer ali e fundar uma cidade que denomina Roma em homenagem à Rhome, uma das mulheres troianas (Dion. Hal., I, 72, 2).

Eric Gruen (1992, p. 26-42) e Andrew Erskine (2001, p. 148-152) chamam a atenção para o papel dos mitógrafos da *Magna Graecia* na ambientação da herança troiana no Lácio.

<sup>21</sup> “[...] mais tarde foi Eneias, o filho de Afrodite, quem, em sua navegação rumo à Itália, desembarcou nessa ilha e adornou o santuário com numerosas oferendas, considerando que era de sua própria mãe” (Trad. nossa).

<sup>22</sup> De acordo com a nota dos editores da Gredos e Loeb, Dionísio, muito provavelmente, está se referindo ao Monte Ericino.

Aparentemente, já no século IV a.C., desponta algum interesse dos historiadores sicilianos na genealogia das cidades latinas, às quais atribuem parentesco com Eneias. O relato de Alcimo (séc. IV a.C., aprox.), que conhecemos por meio de Festo, apresenta uma versão bem diferente da que Virgílio e Tito Lívio legaram à posteridade. Segundo Alcimo, Eneias desposou Thyrrenia, dando origem a Rômulo. Este tão pouco figura como o fundador da *urbs*, mas sim um neto de nome Romo, filho de Alba (Alcimo *apud* Festus, *De Verborum Significatu*, entrada: Roma).<sup>23</sup> Um aspecto chama a atenção nessa elaboração genealógica: Roma não é uma fundação eneádica, como outros lugares do Mediterrâneo coligados à rota de Eneias. É perceptível um esforço de conciliar a contribuição estrangeira, troiana, ao elemento latino. Paulatinamente, Lavínio recebe destaque, nas narrativas fundacionais, como a legítima cidade eneádica do Lácio e o vínculo de Eneias com Roma é estabelecido de maneira indireta.

Data do fim do século IV a.C. a mais antiga evidência literária que aproxima Lavínio da saga troiana. Um fragmento de Timeu, de Tauromênio, nascido por volta de 350 a.C. nesta cidade da Sicília, faz menção aos templos e habitantes de Lavínio. É possível que tenha tratado o assunto com maior amplitude em sua investigação histórica, porém, o que conhecemos é um trecho citado por Dionísio de Halicarnasso a respeito de objetos troianos custodiados no santuário em Lavínio:

σχήματος δὲ καὶ μορφῆς αὐτῶν περὶ Τίμαιος μὲν ὁ συγγραφεὺς ὧδε ἀποφαίνεται· κηρύκια σιδηρὰ καὶ χαλκᾶ καὶ κέραμον Τρωικὸν εἶναι τὰ ἐν τοῖς ἀδύτοις τοῖς ἐν Λαουίνιῳ κείμενα ἱερά, πυθέσθαι δὲ αὐτὸς ταῦτα παρὰ τῶν ἐπιχωρίων (Dion. Hal., I. 67. 04).

*Respecto a su forma y apariencia, Timeo, el historiador, se expresa así: los objetos sagrados conservados en el santuario de Lavinio son caduceos de hierro y bronce y vasijas troyanas de arcilla; asegura que él se enteró por los habitantes del lugar* (Trad. Elvira Jiménez e Ester Sánchez).<sup>24</sup>

Cumpra admitir que o trecho citado de Timeu não remete, diretamente, aos Penates que os romanos vinculavam ao desembarque de Eneias no Lácio, mas a objetos sagrados de procedência troiana que eram mantidos em um santuário local. Se o fragmento deste autor do século IV a.C. não pode ser tomado como um testemunho direto do culto de Eneias como fundador de Lavínio, ele, no entanto, registra a existência de objetos sagrados com os quais os habitantes se vinculavam ao passado troiano.

<sup>23</sup> Acompanhamos aqui a tradução e o estudo da obra, *De Verborum Significatu*, realizado por Maria Lucilia Ruy, fruto de seu doutoramento na USP.

<sup>24</sup> "A respeito de sua forma e aparência, Timeu, o historiador assegura que os objetos sagrados custodiados em um santuário em Lavínio são caduceus de ferro, bronze e vasilhames troianos e que isto aprendeu com os habitantes do lugar" (Trad. nossa).

Quando o gênero historiográfico se desenvolveu em Roma, o papel de Rômulo, como fundador da *urbs*, era um dado enraizado, assim como a ideia de um legado troiano incorporado às cidades de Lavínio e Alba Longa (GRANDAZZI, 2010, p. 46). Isso, no entanto, não significou uniformidade da tradição, o que é possível constatar nas várias divergências entre Fábio Pictor (séc. II a.C.) e Catão (sécs. II-I a.C.), o Antigo, sobre alguns aspectos do mito como, por exemplo, a narrativa do prodígio da porca branca com os trinta leitõezinhos. Enquanto o primeiro situou o evento em Alba Longa, Catão o fez em Lavínio (Fábio Pictor, *Annales*, fr. 2; Catão, *Origines*, fr. 10). Ambos, porém, reconhecem o intervalo de tempo entre o fim da Guerra de Troia e a fundação de Roma; assim como as origens albanas do primeiro rei romano.

Este intervalo é estipulado em 432 anos por Catão o que, aparentemente, converge com o cálculo de Eratóstenes para a queda de Ílion, situada em 1184/1183 a.C. (Cato, *Orig.*, fr. 13). Para os estudiosos do tema, a intrincada genealogia dos reis albanos teria atendido ao propósito de preencher esta lacuna temporal que vai da fuga de Eneias até o fundador, Rômulo (LAROCHE, 1982; GRUEN, 1992, p. 25; GEIGER, 2008, p. 45-50).<sup>25</sup> Este intervalo de tempo, no entanto, não consta nos fragmentos das epopeias de Névio e Ênio, que converteram Eneias em avô ou ancestral próximo de Rômulo, aproximando, através de um recurso poético, a fundação da *urbs* dos episódios do ciclo troiano.

Para os romanos, a incorporação das origens troianas representou uma maneira de balizar sua singularidade em relação aos vizinhos gregos e cidades etruscas, sem dizer que a ausência de povos contemporâneos que se intitulassem troianos facilitou ainda mais os sucessivos ajustes nesta identidade condicionada ao mito. Por outro lado, as versões que postulavam uma fundação puramente troiana, ou mesmo exclusivamente grega, de Roma, foram suplantadas por narrativas que preconizavam uma origem etnicamente mista. Aos estratos autóctones, latino e troiano, somavam-se, ainda, as contribuições de outros prófugos, o árcaide, Evandro, fundador de *Palanteum*, e do herói Hércules, sem mencionar os componentes sabino e etrusco agregados ao período da realeza. Refletindo sobre as narrativas fundacionais da *urbs*, no século I a.C., o historiador Salústio se surpreende como povos “dentro dos mesmos muros, diferentes em raça, dessemelhantes em língua, vivendo cada um a seu uso [...] tão facilmente convivessem” (Salústio, *Bellum Catilinae*, 06).

---

<sup>25</sup> Para uma discussão sobre as intervenções e acréscimos na lista de reis albanos durante o período augustano, sugerimos o trabalho de Joseph Geiger (2008, p. 45-50).

## Considerações finais

Os mitos de origem têm pouca relação com as origens propriamente ditas. Estas narrativas de cunho etiológico se voltam para indagações feitas a partir do presente. Por isso, estão submetidas a inúmeras revisões, remanejamentos e acréscimos. Um material que olha em direção ao passado e, no entanto, está em constante negociação com o presente. Estes mitos eram não apenas transmitidos e encenados, mas também reinventados, reelaborados. Serviam a escopos e objetivos diversos e, neste sentido, incorporavam conteúdos e elementos novos.

Trata-se de uma tarefa árdua perseguir, de forma pontual, as várias recensões e usos do mito de Eneias até a composição da *Eneida*. Neste artigo, buscamos delinear as principais etapas da transformação deste personagem homérico em prófugo, viajante e também herói fundador. Os poetas e mitógrafos posteriores a Homero imaginaram vários cenários e possibilidades para o futuro do filho de Anquises e Afrodite, destinado, na própria *Ilíada*, a se salvar. Um caminho semelhante foi concebido para outras figuras do ciclo troiano, como Antenor, Heleno e Andrômaca.

Quando Virgílio compôs a *Eneida*, este mito contava com uma longa história de propagação em vários contextos geográficos do Mediterrâneo, como é possível verificar nas tradições que associam Eneias ou Anquises às regiões da Calcídica, Trácia, Arcádia e Sicília. Longe de ser uma simples fabricação virgiliana, o périplo dos seis primeiros livros da *Eneida*, abrange localidades que reivindicavam alguma relação genealógica com Eneias e outros troianos. Dionísio de Halicarnasso, no Livro I das *Antiguidades Romanas*, fornece uma lista de monumentos, templos, práticas religiosas e até competições e festas vinculadas ao herói troiano (Dion. Hal., I, 50, 4).

A evidência das cerâmicas etruscas com o tema de Eneias em fuga sugere que este mito já era familiar aos habitantes da Península Itálica. Em algum momento entre o século V e IV a.C. este mito se intercepta com as narrativas fundacionais do Lácio. Não se trata da mera transposição de um mito estrangeiro para o ambiente local, tal como imaginamos em uma transferência eletrônica de dados. Este fenômeno, ao contrário, envolve um lento processo de negociação e, muitas vezes, assimilação às tradições autóctones. Nas versões que se desenvolveram entre os autores latinos, Roma não é uma cidade fundada diretamente por troianos, mas resulta da síntese entre autóctones, estrangeiros e populações assimiladas de outras cidades do Lácio. Como um reflexo do caráter cosmopolita da *urbs* e do seu próprio Império, os mitos de origem da *urbs* romana acumulam vários prófugos: primeiramente, Saturno, depois os árcades de Evandro, os troianos de Eneias e tantos outros que buscaram refúgio em terras itálicas.

Esse movimento, tal como registra Tito Lívio, permaneceria no refúgio (*asylum*) instituído por Rômulo, justamente com a finalidade de ser um espaço de acolhimento de outros prófugos no decurso da história da *urbs* (Liv., I, 08).

## Referências

### Documentação textual

- APOLLONIO RODIO. *Le argonautiche*. Traduzione di Guido Paduano. Milano: Bur Rizzoli, 2013.
- BUSE, P. *'Andrômaca' de Eurípedes e o ideal do trágico: tradução e análise*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- CATO. Origines. In: CORNELL, T. J (ed.). *The fragments of the Roman historians*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 134-143. 2 v.
- CICERO. *The Verrine Orations: against Verres*. Translated by L. H. G. Greenwood. Cambridge: Harvard University Press, 1935. v. 2, p. 2, b. 3-5.
- DIODORO DA SICILIA. *Biblioteca historica: libros IV-VIII*. Traducción de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 2004.
- DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Historia Antigua de Roma: libros I-III*. Traducción de Elvira Jiménez y Ester Sánchez. Madrid: Gredos, 1985.
- DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *The Roman antiquities*. Translated by Earnest Carry. London: William Heinemann, 1960.
- ERODOTO. *Storie*. Traduzione di Augusta Izzo D'Accinni. Milano: Bur, 2010.
- FABIUS PICTOR. In: CORNELL, T. J (Ed.). *The fragments of the Roman historians*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 32-105. 2 v.
- HINO A AFRODITE. Tradução de Flávia Regina Marquetti. In: RIBEIRO JR, W. A (org.). *Hinos Homéricos*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002.
- LÍCOFRON. *Alexandra*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2017.
- NATIVIDADE, E.S. *Os 'Anais' de Quinto Ênio: estudo, tradução e notas*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*. Translated by W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1918.

- PÍNDARO. *Epinícios e Fragmentos*. Tradução, introdução e notas de Roosevelt Rocha Curitiba: Kotter Editorial, 2018.
- PLINY. *Natural History*. Translated by W. H. S. Jones. London: William Heinemann, 1961.
- RUY, M. A. *De Verborum Significatu*. 2012. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SALÚSTIO. *Guerra Catilinária I Guerra Jugurtina*. Tradução de Barreto Feio. São Paulo: Ediouro, 1990.
- SERVIUS HONORATUS, M. *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Edited by Georgius Thilo and Hermannus Hagen. Leipzig: Teubner, 1881.
- STRABO. *Geography*. Translated by H. C. Hamilton and W. Falconer. London: George Bell & Sons, 1903.
- SUETÔNIO. *Vida do Divino Augusto*. Tradução de Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- SUETONIUS. 'Life of Vergil'. In: SUETONIUS. *Lives of famous men*. Translated by J. C. Rolfe. London: William Heinemann, 1914.
- TITO LIVIO. *Storia di Roma dalla sua fondazione*. Traduzione di Marzia Bonfante. Milano: Fabri Editori, 2000.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução de Raul M. Rosado e M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva (livros IX – XII). São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- WEST, M. L. *Greek epic fragments*. Harvard: Harvard University Press, 2003.

### Obras de apoio

- ABULAFIA, D. *O grande mar: uma história humana do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- ARANTES JÚNIOR, E. *Os usos políticos da narrativa mítica em Luciano de Samósata: aspectos do regime de memória romano. (séc. II d.C.)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- BETTINI, M.; LENTANO, M. *Il mito di Enea: immagini e raconti dalla Grecia a oggi*. Torino: Einaudi, 2013.
- BIGGS, T. *Poetics of the First Punic War*. Michigan: Michigan University Press, 2020.

- CARDOSO, Z. A. Virgílio e os jogos fúnebres troiano-romanos. *Clássica*, v. 9/10, n. 9/10, p. 107-118, 1996-1997.
- CUNHA, M. C. B. *Aspectos da arquitetura romana no governo de Otávio Augusto: construção e perpetuação da memória nos Templos de Apolo Palatino e Marte Vingador (séc. I d.C.)*. 2020. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- ERSKINE, A. *Troy between Grece and Rome: local tradition and imperial power*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: Gomes de Souza, 1962.
- GALINSKY, K. G. *Aeneas, Sicily and Rome*. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- GEIGER, J. *The first hall of fame: a study of the statues in the Forum of Augustus*. Boston: Brill, 2008.
- GIARDINA, A. *Il fuoco sacro di Roma: Vesta, Romolo e Enea*. Bari: Laterza, 2015.
- GINZBURG, C. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GLARE, P. G. W (Ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.
- GONÇALVES, A. T. M.; MOTA, T. E. A. Do Tártaro aos Vergéis Elíseos: a jornada do *descensus*, os *exempla* e os espaços do Averno na Eneida de Virgílio. *Mneme: Revista de Humanidades*, v. 12, n. 30, 2011.
- GRANDAZZI, A. *As origens de Roma*. São Paulo: UNESP, 2010.
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.
- GRUEN, E. S. *Culture and national identity in Republican Rome*. Nova York: Cornell University Press, 1992, p. 06-51.
- HORSFALL, N. Stesichorus at Bovillae? *Journal of Hellenic Studies*, n. 99, p. 26–48, 1979.
- HORSFALL, N. *Virgil, Aeneid 03: a commentary*. Leiden/Boston: Brill, 2006.
- LA TORRE, G. F. *Sicilia e Magna Grecia: archeologia della colonizzazione greca d'Occidente*. Bari: Laterza, 2018.
- LAROCHE, R. A. The Alban King-List in Dionysius I, 70-71: a numerical analysis. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, t. 31, p. 112-120, 1982.
- LIDDEL, H. G; SCOTT, R. A. *A Greek-English lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- MOTA, T. E. A. *Deberi ad sidera tolli: as promessas de divinização na Eneida e a ancestralidade heróica dos Iulii*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- MOTA, T. E. A; GONÇALVES, A. T. M. A divinização de Eneias no Lácio: de um herói desaparecido a *Pater Indiges*. *Anuario del Centro de Estudios Históricos Prof. Carlos S. A. Segreti*, Año 15, n. 15, p. 103-126, 2015.

- MOUNTFORD, P. Aeneas: an Etruscan foundation legend. *Australian Society for Classical Studies*, Melbourne, n. 32, 2011, p. 01-08.
- NORDEN, E. *P. Vergilius Maro: Aeneis Buch VI*. Stuttgart: Teubner, 1957.
- OLIVA NETO, J. A. Apresentação e notas. In: \_\_\_\_\_. VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.
- PARETI, L. *Sicilia Antica*. San Giovanni La Punta: Brancato/Edizione Clio, 2001
- PERRET, J. *Les origines de la légende troyenne de Rome (281-31)*. Paris: Les Belles Lettres, 1942.
- ROCHA, E. *O que é mito?* São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SERRATI, J. Garrisons and grain: Sicily between the Punic Wars. In: SMITH, C.; SERRATI, J. (ed.). *Sicily from Aeneas to Augustus: new approaches in Archaeology and History*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000, p. 115-133.
- VASCONCELLOS, P. S. *Épica I: Ênio e Virgílio*. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

### **Videografia**

Conferência de Mario Lentano, intitulada "L' ultimo degli eroi: come Enea è diventato il capostipite dei Romani", em 12 de Fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FcKTy5E84tc>. Acesso em: 07 jun. 2021.